

1 Introdução

Meu Encontro com a Fanfarra

Certa vez, em algum dia de agosto de 2002, na praça central de Lorena, cidade situada no Vale do Paraíba Paulista, chamou-me atenção um grande número de pessoas que se acotovelavam para ver apresentações que faziam parte de um Concurso de Fanfarras. Do local onde eu estava, ouvia-se uma música e via-se as pontas de bandeiras coloridas. Curiosa por saber o que se passava, logo estava eu arrastando marido e filhos, no meio da multidão. Consegui me equilibrar em um degrauzinho da entrada do Banco do Brasil e vi algo que poderia descrever como curioso, original, completamente diferente de tudo que eu conhecia ou ouvira falar de grupos juvenis.

Com roupas, que naquele então eu descreveria como um misto de uniforme militar e fantasia de carnaval, um considerável número de jovens e algumas crianças tocavam alguns instrumentos de sopro e percussão formando uma pequena banda, duas ou três garotas contorciam o corpo de forma extraordinária e realizavam movimentos precisos com aparelhos semelhantes aos da GRD - Ginástica Rítmica Desportiva (depois descobri que, embora seja mais raro, alguns garotos também o fazem), enquanto isso, um grupo realizava movimentos, algo que eu definiria como um misto de marcha, dança e acrobacia, executando uma original coreografia.

Contrariando o desejo dos filhos (“*a mãe inventa...*”) e com o apoio, físico inclusive, de meu marido, permaneci algum tempo em equilíbrio – mais ou menos instável – observando a apresentação do grupo e a animação da platéia que ovacionava, aplaudia, gritava... ou seja, manifestava-se a cada apresentação, a cada movimento. Depois prossegui meu caminho de volta a casa. No percurso, vi alguns desses grupos pelas ruas, formados, aguardando o momento de sua apresentação. Meu marido comentou que *boa mesmo* era uma das fanfarras de Lorena, que já havia conquistado alguns títulos estaduais e mesmo nacionais. A conversa tomou outros rumos e não se falou mais nisso.

Em setembro de 2002, precisamente no dia 7, meu marido deveria comparecer ao Desfile do Sete de Setembro. Fui também, recordando que, vinte anos antes, eu estava naquela mesma avenida, mas por diferente razão, assistindo ao mesmo desfile comemorativo... Lembro que 2002 era ano de eleição, logo desfile movimentadíssimo, políticos circulando por todo lado, beijinhos e abraços, cumprimentos



A novidade é que o Brasil não
é só litoral

É muito mais, é muito mais
que qualquer zona sul

Tem gente boa espalhada por
esse Brasil

Que vai fazer desse lugar um
bom país.



Notícias Do Brasil [Os
Pássaros Trazem]

Milton Nascimento/Fernando
Brant

In: Caçador de Mim

Universal/Polygram, 1998

de mão. Nada diferente do que acontecia em todas as cidades do país, sobretudo fora dos grandes centros, das metrópoles.

Foram muitos os desfiles: escolas municipais (com seus novos uniformes), estaduais, trabalhadores, escoteiros etc. No meio disso tudo, passa o *louquinho* da cidade, nesse dia sem seu tradicional chapéu mexicano, talvez com seu cachimbo, vestido com uma roupa de malha azul com o nome e o número de um candidato...

Observava tudo isso com muita atenção, apesar de um pouco cansada, pois mal me movia, estava de pé todo aquele tempo embora em uma posição privilegiada pois estava em um palanque.

De repente, pareceu-me que houve uma movimentação estranha, um empurra-empurra tranquilo, mas decidido, crianças menores para frente, algumas maiores sentavam-se ao chão. Meu marido cochichou-me: *vem aí a Fanfarra e complementou o regente é um cabo do Quinto, dispõe o seu pouco tempo livre nesse trabalho... o pessoal da banda rala e ainda faz muitas outras coisas*. Se não disse isso, foi mais ou menos isso. Logo deve ter sido cortado pelo alto-falante que possivelmente anunciou o texto padrão¹, sempre repetido a cada apresentação.

Rompe pela avenida a Fanfarra, deslocando-se em marcha os músicos, outros com movimentos tais como descrevi acima e, à frente, duas jovens que se movimentavam com graciosidade e flexibilidade... Frente ao palanque, de repente surge uma fumaça e logo vejo os músicos parados em círculo, do nada surgiram alguns instrumentos de percussão maiores que não vinham com o grupo. As meninas que se contorciam deslocaram-se para um lado e o grupo em que alguns portavam bandeiras, para o outro e os movimentos eram realizados ao som da música que o grupo executava. E que música! Aqueles metais e aquela percussão tinham um belo som... Deveriam se apresentar em outras ocasiões, pensei.

Em novembro desse mesmo ano, mais uma vez tive a oportunidade de assistir a uma apresentação do grupo, desta vez um pouco mais longa, por ocasião do aniversário do Batalhão onde servia o regente da Fanfarra. Não sei o dia, mas possivelmente no dia 14 ou 15. Mas certamente foi no dia 16 de novembro do mesmo ano de 2002 que na mesma praça de Lorena a que me referi ao iniciar esse relato, na concha acústica estavam os músicos apresentando-se, em uma programação relacionada à semana de comemoração da fundação da cidade². Na verdade, não posso dizer que assisti a apresentação, pois a chuva não permitiu que eu ficasse na praça, por isso corremos para uma sorveteria e, ao longe, ouvimos a Fanfarra.

Quando a chuva melhorou, já ao final, corremos para assistir. Registramos alguns momentos do grupo, um pequeno filme e umas poucas fotos enquanto a chuva permitiu. Algumas dessas fotos são parte de minha tese.

¹ Posteriormente o texto sofreu pequenas modificações.

Fundada em 1991, pela diretora da escola, Arlete Aparecida Rodrigues, este grupo musical tem como objetivos: retirar jovens carentes das ruas e encaminhá-los para um futuro digno; despertar nos alunos as vocações musicais e ao mesmo tempo estimular a sensibilidade artística, oferecendo a oportunidade de aprendizagem de instrumentos para uma futura profissionalização na comunidade. Visa também a promover o congraçamento de seus integrantes, através da competição sadia; a difundir conhecimentos de técnicas musicais e a desenvolver a participação espontânea em trabalhos coletivos e culto ao civismo, para melhor formação da nossa juventude.

² Dia 14 de novembro comemora-se o aniversário da cidade de Lorena.

Nos últimos momentos da apresentação gotas pesadas de chuva voltaram a cair... Algumas pessoas se abrigaram na Concha acústica, nós inclusive, enquanto outras poucas, mais prevenidas, abrigavam-se sob seus guarda-chuvas.



Fig. 1 - Ao centro o maestro-regente da Fanfarra. Nós, com as marcas da chuva...

Em 2003, ano de meu ingresso no doutorado, cursei a disciplina Antropologia e Educação. Ocorreu-me que o trabalho final do curso poderia ser realizado junto à Fanfarra. Seria possível? Talvez. Para isso, precisava me aproximar do grupo. Pedi e fui apresentada ao maestro-regente, perguntei-lhe sobre a viabilidade de acompanhar alguns ensaios e pedi-lhe que falasse com a diretora da escola e/ou com quem mais julgasse necessário.

Por dois meses e meio acompanhei os ensaios. Todos os sábados, lá estava eu. Algumas fotografias foram tiradas, não logo no início. Apresentei meu trabalho e, face ao meu entusiasmo, a Profa. Tânia Dauster sugeriu que conversasse com a Profa. Aparecida Mamede, minha orientadora, sobre a possibilidade de minha tese versar sobre a Fanfarra. Aliás, essa foi uma opinião unânime entre os colegas do curso de Antropologia e Educação. Hoje, observo que eu mesma já expressara esse desejo, ao registrar na conclusão do texto que apresentei:

ÚLTIMAS PALAVRAS... POR ENQUANTO!

Este texto não esgota as muitas possibilidades abertas durante o trabalho etnográfico. Ao tentar construir uma leitura do campo, *buscando uma rede de significados tecidos*, certamente confundi alguns *tiques nervosos* ao mesmo tempo que compreendi algumas *piscadelas* e outras me passaram despercebidas³. Porém, sem dúvida, *praticar a etnografia* foi um importante aprendizado que não se esgota neste trabalho. Ao contrário, por isso pretendo, dentro de minhas possibilidades, dar não apenas continuidade ao *ver* e ao *ouvir*⁴, mas também ao difícil e solitário processo de *escrever*.

Durante algum tempo, uma grande dúvida apoderou-se de mim. Até que, em outubro, pude apresentar à minha orientadora a Fanfarra em Lorena. Antes de qualquer descanso ou refeição, ela foi conhecer a Fanfarra. No dia seguinte, bem cedo nos deslocamos para Taubaté para assistir a um Concurso de âmbito nacional entre fanfarras.

Fanfarra Gabriel Prestes:
Além da música. Trabalho
apresentado no Curso
Antropologia e Educação –
Profa. Tânia Dauster.
Programa de Pós-graduação
do Departamento de
Educação – PUC-Rio. Rio
de Janeiro: 2003.

³ Refiro-me às *piscadelas*
descritas por Geertz no
primeiro capítulo do livro *A
Interpretação das Culturas*

⁴ Lembro-me aqui de
*O Trabalho do Antropólogo:
Olhar, Ouvir, Escrever.*
(Cardoso de Oliveira,
1998)

Mais fotos e uma conquista definitiva. Era mesmo impossível resistir ao chamado do tema. Ele já me havia escolhido, me conquistado. A decisão já estava tomada, embora não consciente. Alguns meses depois, com muito entusiasmo, um projeto para minha tese de doutorado foi escrito, tendo como tema central a Fanfarra de Lorena.

Durante os anos seguintes, acompanhei, incontáveis vezes, os ensaios da Fanfarra procurando construir uma interpretação que fosse além das representações correntes, seja dos moradores da cidade, seja dos integrantes do grupo.

Não pretendia que a simples observação sistemática me permitisse generalizações ou conhecimentos imediatos. Por isso, foram muitas as tentativas, construções e reconstruções durante esse tempo. As decisões eram provisórias e as buscas constantes.

Muitas vezes fotografei os ensaios. Fotografar me fez aguçar o olhar, procurar frestas, novos ângulos, não buscando que estes me proporcionassem fotos artísticas, mas que propiciassem, o que certamente ocorreu, uma observação mais apurada. Cheguei-me, aos poucos, primeiro sem flashes, mas com retinas que fotografavam e registravam no meu cérebro...

Fui tornando-me invisível para depois me fazer, outra vez, visível e audível. Conversava mais e, adiante, gravava... Na mesma época, ou um pouco antes, as fotos; primeiro com a grande *Canon* com filme, revelação etc, ao final, com a pequena Sony que cabe no bolso ou na palma da mão. Nesse meio tempo, uma ou outra digital emprestada. Além das fotos, pequenos vídeos foram realizados com a própria câmera fotográfica.

Assim, documentei vários ensaios e apresentações, o que me permitiu descrever e, sobretudo, entender melhor aqueles momentos.

Paralelamente colecionei fotos relacionadas a bandas e fanfarras, perdi a conta... Algumas integram o texto que ora apresento. Mais adiante, obtive fotos dos próprios integrantes do grupo, seja pessoalmente, seja via Internet, pois, a partir dos primeiros meses de 2006, constatei que muitos jovens da Fanfarra ingressaram no *Orkut* e montaram *fotoblogs*.

Entre o momento de entrada no campo e o de saída passaram-se 3 anos e meio. Conheci outras fanfarras, o que me ajudou a perceber a Fanfarra dentro de um conjunto maior. Pude assim ver meu objeto de estudo único, local e particular, imerso em um universo extenso que envolve diferentes relações que se configuram em rede.

O que é o conhecimento objectivo? Aquele que se produz a propósito de realidades objectivas? E estas o que são? **A «objectiva» de uma máquina fotográfica nunca é objectiva; corresponde sempre a um ponto de vista.** A contemplação do mundo é já transformação do objecto. [grifo meu] (Pais, 2002, p.47)

A Chegada

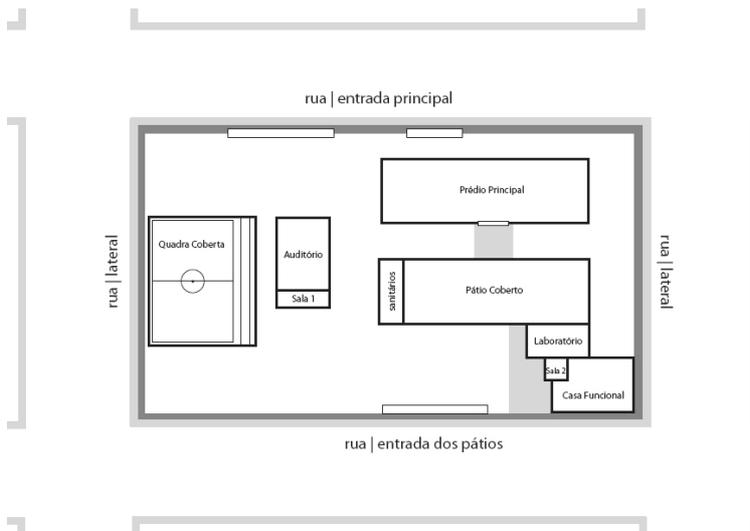
A Fanfarra a que venho me referindo é a FAGAP – Fanfarra Gabriel Prestes – oficialmente estabelecida na área de uma escola da rede pública da cidade de Lorena, no interior do Estado de São Paulo.

Eu já sabia onde se localizava a escola e, por isso, não foi difícil chegar até lá. Fui pela primeira vez até a Escola Gabriel Prestes, onde se realizam os ensaios da Fanfarra.

Uma das mães me foi apresentada pelo maestro-regente como uma das integrantes da *equipe de apoio*. Logo, ela tornou-se minha cicerone e meu primeiro principal contato com o grupo.

Ao chegar, já observava que a maior parte dos jovens músicos estavam ensaiando no pátio coberto. Na quadra, os jovens do grupo que portava bandeiras, ainda que sem elas, ensaiavam; não era difícil identificá-los por conta dos movimentos que realizavam. Em algum lugar, em um extremo da quadra ou em outro recanto da vasta área da escola, as duas meninas – que me lembravam as da Ginástica Rítmica Desportiva – ensaiavam seus movimentos.

A mãe a qual fui apresentada levou-me até uma pequena sala onde são guardados instrumentos musicais, uniformes, troféus e outros pertences da Fanfarra. Fica no exterior do prédio principal do colégio, entre a quadra de esportes e o pátio coberto. Algum tempo depois, descobri uma outra sala, localizada ao lado da casa do caseiro da escola, onde também são guardados instrumentos musicais do grupo.



A Escola Estadual Gabriel Prestes (...) situa-se no centro da cidade de Lorena uma típica cidade média do Vale do Paraíba do Estado de São Paulo. (...) Trata-se de um estabelecimento de ensino centenário, um dos primeiros a serem criados no estado de São Paulo. Diversas gerações de estudantes foram educadas em seus bancos escolares, inclusive muitos professores, funcionários e familiares dos atuais alunos. (Rodrigues, 2001. p. 37-38)

Chamou-me a atenção o grande número de bicicletas estacionadas na área entre o prédio principal da escola e um outro prédio onde estão uma espécie de auditório e a tal sala onde os pertences do grupo são guardados. Além dessas, outras bicicletas estavam espalhadas em diversos recantos da área. Apesar desta observação, esse é um fato que não me surpreendeu, porque já, desde que morara em Lorena no início dos anos 1980, a cidade já era conhecida pelo grande número de bicicletas em circulação.

Algum tempo fiquei observando os ensaios de cada um dos grupos, enquanto perguntava-me se tinha feito bem ou mal em escolher tal tema como objeto de estudo de minha tese.

Enquanto isso, sentia-me também examinada... Mas, o ensaio era mais interessante do que a minha presença e logo eu já não era mais foco de tanta atenção.

Nesse primeiro dia, não foram poucas as informações, mas como já disse, nem sempre me esclareciam muita coisa...

Alguém falou que as fanfarras são conjuntos rítmicos compostos por diferentes instrumentos de percussão e por determinados instrumentos de sopro. Isso não me esclareceu muita coisa. E o corpo coreográfico? E as balizas? Eles não são músicos, logo não são fanfarras?

Aos poucos aprendi que existem diferentes tipos de fanfarra e que, além dos músicos que constituem a fanfarra propriamente dita, existem as balizas e o corpo coreográfico.

Algumas vezes, o termo *fanfarra* é utilizado para denominar o grupo como um todo, outras vezes apenas os músicos.

Por um longo tempo tudo isso permaneceu muito confuso para mim e as respostas às minhas perguntas, confundiam-me ainda mais. Porém, esses primeiros contatos sinalizaram algumas questões. E eu comecei a ler tudo o que encontrava sobre bandas e fanfarras.

Com algumas referências, ainda sem saber ao certo o que era uma fanfarra, iniciei, em meados de abril de 2003, minha primeira aproximação mais efetiva com o campo, nessa época, apenas visando meu trabalho em Antropologia e Educação.

Durante dois meses e meio, compareci a ensaios, tive acesso a vídeos e fotos, conversei com o maestro-regente, com alguns pais e com integrantes da FAGAP. No último mês do período, acompanhei os preparativos para um campeonato e fui convidada a ir com eles aonde se daria a apresentação. Apesar de meu interesse em deslocar-me junto com eles até a cidade onde foi realizado o campeonato, não pude fazê-lo, mas acompanhei os últimos preparativos e a saída do grupo para a viagem.

Lembro-me que, na época, lamentava comigo mesma não ter podido acompanhar o grupo na viagem e o tempo insuficiente para escrever tudo que gostaria, ou seja, a impossibilidade de apresentar um trabalho mais completo. Ao reler um dos textos estudados, deparei-me com a frase: "A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa" (Geertz, 1989, p. 20).

Mas retornei e, tal qual como havia escrito, dei *continuidade ao ver e ao ouvir*, e também ao difícil e solitário processo de *escrever*... Fiz do tema a minha tese, o tempo passou e hoje, – muitas observações, muitas entrevistas e muitos campeonatos depois – entrego, certamente, um trabalho menos completo, por mais profundo que possa estar...